

**Parecer sobre o "Projecto" denominado BIRRE -AREIA MASTERPLAN,
abrangendo o espaço situado entre as localidades de Birre, Aldeia de Juzo
e Areia**

Por

Eugénio Menezes de Sequeira

Eng^a Ageonomo, Investigados Coordenador, Conselheiro do CNADS

Vogal da Direcção Nacional da Liga para a Protecção da Natureza

Introdução

Alojamentos e urbanizações a mais, para quê urbanizar e construir mais??

Cascais conta segundo o censo de 2011 com 206479 habitantes, que constituíam 82093 famílias (cerca de 2,5 pessoas por família), agregadas em 61887 núcleos familiares, isto é, existem 20206 famílias que vivem agregadas com outras (dados do censo de 2011 - INE).

Ora existem em Cascais 108998 alojamentos familiares, o que indica que existe neste momento um excesso de 26905 alojamentos acima do número de famílias, e que considerando que 20206 famílias vivem em agregados, existem 47111 fogos a mais.

Considerando que Cascais é um centro turístico, haverá vários alojamentos de 2^a habitação de famílias residentes fora de Cascais, serão certamente cerca de 30.000 habitações devolutas. ($\approx 43\%$).

Em Alcabideche existem 19758 alojamentos para 12493 núcleos familiares, isto é 7265 alojamentos em excesso ($\approx 36\%$), em Carcavelos existem 12339 alojamentos para 7130 núcleos familiares, isto é 5209 alojamentos em excesso ($\approx 42\%$), em Cascais existem 22734 alojamentos para 10567 núcleos familiares, isto é 12167 alojamentos em excesso ($\approx 53\%$), no Estoril existem 16027 alojamentos para 7650 núcleos familiares, isto é 8368 alojamentos em excesso ($\approx 52\%$), Na Parede existem 12101 alojamentos para 6290 núcleos familiares, isto é 5811 alojamentos em excesso ($\approx 48\%$), em S. Domingos de Rara existem 26039 alojamentos para 17757 núcleos familiares, isto é 8282 alojamentos em excesso ($\approx 31\%$).

Repare-se que efectivamente é em Cascais, no Estoril que o excesso ultrapassa os 50% (Zonas turísticas por excelência) na Parede e em Carcavelos ultrapassa apenas os 40% (zonas costeiras), em Alcabideche e em especial em S. Domingos de Rana ultrapassa apenas os 320% (zonas do Interior menos apelativo).

De facto já nos anos 90, estavam cerca de 41.000 fogos ocupados, estavam cerca de 28.000 em construção e o PDM da altura apontava para mais 40.000 fogos.

A situação de excesso agravou-se, e a situação será ainda pior face à previsível continuação da queda da natalidade e redução da população.

A situação parecia ter justificação quando de 2001 éramos 170683 e em 2011 passámos a 206479, um aumento de 35796 (cerca de 2% ao ano), no entanto a população com mais de 65 anos era de 15% e passou para 18% em 10 anos, e a de 0-14 anos manteve-se em 15%.

Para a grande Lisboa e a Península de Setúbal, existem mais de 811.808 alojamentos (fogos) em excesso sobre o número de núcleos familiares (mais que uma família por fogo) e o excesso alojamentos em relação às famílias é de 446.458. No país o excesso do número de fogos sobre as famílias é de 1.800.000.

A pergunta será se a situação justifica novas urbanizações, novos alojamentos, no país e em Cascais, se esta situação não será muito preocupante nas zonas costeiras, em especial numa zona turística como Cascais.

Impermeabilização dos solos e seus riscos

Cheias

A zona em causa está na nascente e na zona montante da ribeira dos Mochos em Cascais, sendo a única zona da bacia que não está construída.

Toda a água resultante da pluviosidade na bacia, ou escoo pela Ribeira que sai na praia de Sta Marta, ou se infiltra na zona cársica que abastece o freático

Fig 1- Rede ecológica do PROAML com a ribeira dos Mochos, e Orto - foto -mapa com a Ribeira dos Mochos a vermelho



Tirando a zona do Parque da Ribeira dos Mochos, o restante curso da ribeira está urbanizado, havendo troços em Birre canalizada e com curso entre paredes com 1 m de largura. Trata-se de uma linha de água com cerca de 12 km de extensão numa bacia que no ponto mais largo, exactamente na cabeceira, na zona do empreendimento proposto terá cerca de 3 km de largo, mas cuja parte mais estreita terá menos de 1km

A impermeabilização do seu curso, tem aumentado o risco de cheia desde o Parque Gandarinha, o Campo Hípico, a e em especial a zona a montante da Avenida 25 de Abril, no Parque do Rio dos Mochos, no Bairro do Rosário, em Birre, o que se irá agravar ainda mais, com este empreendimento.

De facto trata-se de um intervenção que irá impermeabilizar pelo menos 41348 metros quadrados de equipamentos, mais as outras impermeabilizações acessórias.

Para uma chuva intensa (deveria ser calculado o tempo de concentração desta linha de água que será certamente inferior a 1 hora , portanto entre 30 e 50 mm/h (Brandão, *C e tal.*, 2001), o que, considerando a capacidade de retenção de uma zona de pinhal, mato e solo de materiais calcários (Luvissoles ou Fluvissoles, nas zonas cársicas -REN e aluviões na parte plana) e de infiltração , variará de 50 mm/h a 65/mm/h (15 mm retidos na copa e folhada e taxa de infiltração no solo variando de 35 a 50 mm/h - dados adaptados de Martins, 1989).

Assim a impermeabilização irá crescer o caudal do pico da cheia a escoar de 1000 a 2000m³ por hora (mais 0,3 a 0,5 m³ s⁻¹) que não poderá ser suportado pelos estrangulamentos na Av, 25 de Abril, Hipódromo, etc.

Seria necessário efectuar um estudo e adaptação das infra-estruturas para suportar os caudais ao longo dos últimos 6 km do curso de água.

Recarga de aquífero

Toda a zona entre a Ribeira das Vinhas (ou da Mula) e a praia do Guincho, é uma zona turística, que inclui enormes zonas de vivendas, com jardins, dois campos de golfe, inúmeras piscinas etc. e o abastecimento de água para rega é proveniente de furos que se abastecem das infiltrações das zonas cársicas do Batólito eruptivo de Sintra e a superfície – Calcários do Cretácico e do Jurássico.

Calcula-se, por estimativa das áreas que o consumo de água será de 9 hm³ por ano, que são extraídas desse recurso.

O excesso de consumo, baixando o nível piezométrico do aquífero tem o risco de agravar a intrusão salina, que já se faz sentir nos jardins mais perto da costa.

A impermeabilização retirando mais recarga, para além da perda causada durante os últimos anos pelo acréscimo constante das zonas urbana deverá ser monitorizada. De facto, por ano em média devem ser perdidos mais de 100 a 200 mm por metro quadrado, de superávit (recarga da água de drenagem, Mendes & Bettencourt, 1980) que equivalem a 4000 a 8000 m³ que escoam ao longo do ano, à superfície.

Todos estes efeitos serão agravados com as alterações climáticas e deverão merecer um estudo de pormenor, tendo em conta as condições microclimatológicas, a cartografia e caracterização dos solos e níveis piezométricos das zonas afectadas.

De qualquer forma no PDM estava acautelado como REN e RAN prevendo estes efeitos

Património Natural

No PDM de Cascais (de 1997) esta zona tinha as Classificações para além das parcelas REN, como Zona de Protecção e Enquadramento, Espaço Agrícola (RAN) Espaço Cultural e Natural..

A Zona de Protecção e Enquadramento visava a criação de estruturas Verdes Primárias, na área entre a Estrada Birre Guincho e o Parque Natural, de forma a salvaguardar o próprio Parque de maiores pressões.

Esta zona, embora fora do Parque, tem como já referido funções hidrológicas de elevada importância, tem capacidade agrícola elevada (RAN), mas possui ainda a capacidade de actividades lúdicas – passeios, turismo equestre, circuitos botânicos, desporto informal, com salvaguarda dos “habitats” com alguma importância.

De facto para além das terras agrícolas existem aqui, em vários estados de conservação os habitats:

Código 52121- Matagais arborescentes de *Juniperos phoenicea*

Código - 5330- Matos termo - mediterrânicos pré - desérticos

E o mais importante o Código 6210 – Prados secos seminaturais e fâcies arbustivo em substrato calcário (importante habitat de orquídeas)

E deveria ter o código 92 A0 – Florestas-galeria com *Salix alba* e *Populus alba*

De facto ainda ali se encontram, apesar da pressão agrícola e da proliferação do pinhal de alepo, espécie invasora, os carrascais e os muros de pedra solta de divisória das propriedades e que constituem refúgio de muitas espécies.

Estrutura Verde Primária

Cascais como zona turística deveria ter pelo menos vinte metros quadrados por habitante ($20 \text{ m}^2 \text{ h}^{-1}$) de estrutura verde primária, fora da zona do Parque, que constitui património nacional e até europeu (Rede Natura 2000), e apenas tem cerca de $8 \text{ m}^2 \text{ h}^{-1}$. (Sequeira 2000, 2003 e 2010, Pinto da Silva 1997)

Nesta zona de protecção poderia ser desenvolvido o turismo equestre (que foi retirado da zona das dunas da Crismina e bem), deveria ser utilizada como zona de desporto informal, deveriam ser constituídas hortas como forma de formação ambiental, e como zona tampão do Parque retirando deste a pressão excessiva.

Para demonstração apresentam-se alguns exemplares das espécies e ecossistemas que poderiam ser visitados libertando de maior pressão o próprio Parque Natural.

Algumas plantas com interesse do habitat 6219 da Directiva 92/43/CEE

Fig. 2 - *Anacamptis pyramidalis* (L.) Rich.

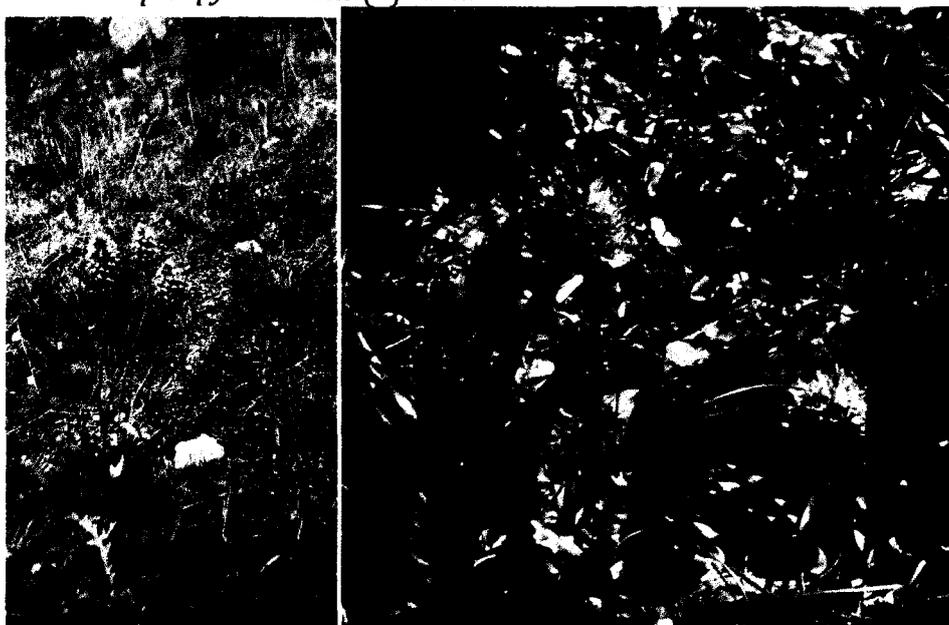


Fig 3- *Ophrys speculum* Link subesp. *Lusitanica* O. Danesch ?



7

Fig 4 - *Ophrys apifera* Huds. ?



Fig . 5 *Serapias* sp.



Fig. 5 *Iris lusitanics* Ker



Fig 6- *Íris subbiflora*



Conclusões

Deverá ser mantido, e mesmo aumentado o nível de protecção previsto no PDM ainda em vigor (o nível de protecção e salvaguarda do Parque Natural) impedindo qualquer crescimento urbano ou artificialização, mesmo que para equipamentos que não os de uma estrutura verde primária

Bibliografia-

- Brandão, C, Rodrigues, R. & Costa J. P. 2001- **Análise de Fenómenos extremos, Precipitações intensas em Portugal Continental**. Direcção dos Serviços de Recursos Hídricos. Lisboa.
- Mendes, C. M. & Bettencourt, M. L., 1980- **O Clima de Portugal. Fascículo XXIV- Contribuição para o Estudo do Balanço climatológico de água no solo e classificação Climática de Portugal Continental**. Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica. Lisboa
- Martins, J. C., 1989- **Contribuição para a caracterização hidrológica dos solos de Portugal**. Dissertação elaborada para acesso a Investigador Auxiliar. Instituto Nacional de Investigação Agrária - EAN.
- Pinto da Silva, A. R.; com apontamentos de **Sequeira, E. M. 1997**- A propósito do Parque Natural Sintra/Cascais: Um passeio botânico (imaginário) ao Guincho (1982). *Liberne* 60 : 2-12.
- Sequeira, E. M., 2000**- O Crescimento urbano desordenado e o fomento imobiliário causas da degradação dos recursos paisagem, solo, água e diversidade biológica. Entregue para publicação nas actas do Encontro Internacional, em Setembro de 2000 "**Em Defesa do Património Cultural e Natural: Reabilitar em vez de Construir**". GECORPA.
- Sequeira, E. M., 2003**- O Património Natural do Concelho de Cascais. Para o Livro **O património do Concelho de Cascais**. Edição da Câmara Municipal de Cascais.
- Sequeira, E. M. 2010- O Património Natural do Conselho de Cascais. In-Margarida Magalhães Ramalho - **Roteiros do Património de Cascais**. Vol-01- Património Natural e Geológico : 11-48. Edição da Câmara Municipal de Cascais (5 Volumes).

Cascais, 31 de Março de 2014



Eugénio Menezes de Sequeira